

Arte e saúde: a parceria entre o Centro de Atenção Psicossocial Jaçanã-Tremembé e o Programa Educativo para Públicos Especiais da Pinacoteca de São Paulo

Art and health: a partnership between the Centro de Atenção Psicossocial Jaçanã-Tremembé and the Programa Educativo para Públicos Especiais of the Pinacoteca de São Paulo

Gabriela Aidar¹
Lúisa Rodrigues Barcelli²
Margarete de Oliveira³
Mariana Carvalho Groetares de Castro⁴

1. Graduada em História pela USP, especialista em Estudos de Museus de Arte pelo MAC/USP e em Museologia pelo MAE/USP. Obteve o título de Master of Arts in Museum Studies pela Universidade de Leicester, na Inglaterra, com revalidação pelo Programa de Mestrado em Museologia da UNIRIO. É coordenadora dos Programas Educativos Inclusivos do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo. Praça da Luz. 02. São Paulo – SP. CEP 01120-010. E-mail: gaidar@pinacoteca.org.br

2. Graduada e licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e técnica em Museu pelo Centro Paula Souza, é educadora do Programa Educativo para

Resumo

Este artigo apresenta a parceria entre o Centro de Atenção Psicossocial (Caps) Jaçanã-Tremembé e o Programa Educativo para Públicos Especiais (Pepe), do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo, estabelecida no início de 2016 com o objetivo de aproximar um grupo de jovens que fazem acompanhamento no serviço de saúde do acervo da Pinacoteca, e de suas potencialidades educativas, ampliando seu repertório social e cultural, estimulando a autonomia do grupo.

Palavras-chave

Saúde mental; museus; acessibilidade cultural; educação em arte; educação em museus.

Públicos Especiais do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo. Praça da Luz. 02. São Paulo – SP. CEP 01120-010. E-mail: educaespecial@pinacoteca.org.br

3. Museóloga com registro no COREM 4R, Mestre em Museologia pela USP, graduada e licenciada em Letras pela USP e Pós-graduada em “Praxis Artísticas e Terapêuticas: Interface da Arte e da Saúde” pela Faculdade de Terapia Ocupacional da FM-USP. Assistente de Coordenação, docente e educadora do Programa Educativo para Públicos Especiais do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo. Praça da Luz. 02. São Paulo – SP. CEP 01120-010. E-mail: moliveira@pinacoteca.org.br

4. Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Estadual de São Paulo com especialização em saúde mental, é terapeuta ocupacional do Centro de Atenção Psicossocial II/Adulto Jaçanã-Tremembé Dr. Leonídio Galvão dos Santos. Avenida Francisco Rodrigues, 681. São Paulo – SP. CEP 02259-001. E-mail: etecnicacaps2adjt@gmail.com

Abstract

This article presents the partnership between the Centro de Atenção Psicossocial Jaçanã-Tremembé and the Programa Educativo para Públicos Especiais [Educational Program for Disabled People] of the Education Department of the Pinacoteca de São Paulo. The partnership was established in the beginning of 2016 aiming to bring together a group of youngsters who attend the Centro de Atenção Psicossocial Jaçanã-Tremembé mental health service, and the Pinacoteca collections and educational potentials, in order to increase the participants' social and cultural repertoire as well as their autonomy.

Keywords

mental health; museums; cultural accessibility; art education; museum education.

1. Introdução

A atenção à saúde mental no Brasil tem sido reorganizada, adotando novos modelos de cuidado, desde a década de 1980, período marcado por importantes transformações no campo político e social brasileiro, como a redemocratização, o fortalecimento de movimentos sociais, e a criação do Sistema Único de Saúde (SUS). A Constituição Federal de 1988 se destaca nesse cenário ao estabelecer oficialmente uma ligação entre a criação de políticas públicas e a participação democrática, possibilitando uma maior atuação dos movimentos sociais que haviam se organizado em diferentes frentes nos anos anteriores.

É também na década de 1980 que o movimento da Luta Antimanicomial ganha força e passa a reivindicar uma sociedade sem manicômios. Podemos situar nesse período de intensas transformações o início da reforma psiquiátrica no Brasil.

Mais adiante, em 2001, é promulgada a Lei nº 10.216, que reestrutura a atenção à saúde mental no Brasil, tendo como base os mesmos princípios que norteiam o SUS: universalidade do atendimento, equanimidade, descentralização, integralidade do

serviço e a participação comunitária. Durante os doze anos de discussão até a promulgação da lei, foram consideradas as experiências brasileiras e internacionais que questionavam o modelo manicomial, para que se pudesse definir um novo modelo, onde o cuidado fosse além dos “muros” do hospital psiquiátrico que, por anos, vinha encarcerando e estigmatizando os sujeitos. Para Paulo Delgado, autor do projeto de lei que redireciona o modelo de assistência à saúde mental, “inscrever o doente mental na história da saúde pública é aumentar sua aceitação social, diminuir o estigma da periculosidade e incapacidade civil absoluta e contribuir para elevar o padrão de civilidade da vida cotidiana” (Delgado, 2011, p. 4704).

Com a descentralização do cuidado e a efetivação da Lei foram criados serviços extra-hospitais, como Centros de Atenção Psicossocial (Caps) que são serviços abertos de base territorial e que nasceram apoiados na proposta da Reforma Psiquiátrica. Composto por equipe multiprofissional, a função do Caps é prestar atendimento a pessoas com grave sofrimento psíquico, diminuindo e evitando internações psiquiátricas. Para tal, os Caps promove ações de saúde e reabilitação que ultrapassam sua estrutura interna, articulando com a rede de saúde e estabelecendo parcerias com diferentes instituições que compartilham desse novo modelo de cuidado e acreditam na reinserção social desses usuários. Assim, espaços de cultura e lazer se tornam parceiros potenciais que atuarão como agentes transformadores nesse processo de inclusão social.

No ano de 2003 é criado, no Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca, o Programa Educativo para Públicos Especiais (Pepe), com o objetivo de incentivar e ampliar o acesso de grupos de pessoas com deficiência física, sensorial, intelectual e de pessoas com transtorno mental ao patrimônio artístico e cultural brasileiro, representado pelo acervo do museu. No que diz respeito ao atendimento ao público com transtorno mental, o programa realiza visitas educativas aos grupos em ações pontuais e continuadas, com o intuito de que esse público específico passe a

ser um frequentador habitual do museu e, mais do que isso, que o contato com a Pinacoteca possa gerar impactos positivos em seu cotidiano.

Após as transformações sociais advindas da reforma psiquiátrica e da própria criação do (Caps), a procura por espaços culturais para a reinserção social e ampliação de repertório dos usuários de saúde fez com que o Pepe se aproximasse cada vez mais desse público-alvo, por meio das ações educativas inclusivas promovidas pela Pinacoteca. É possível perceber nos últimos anos um aumento crescente na demanda por atendimento do Pepe aos grupos oriundos da saúde mental.

Em uma infinidade de experiências que tiveram lugar a partir da reforma psiquiátrica brasileira, busca-se, através da arte, tematizar as oposições saúde e doença, normal e patológico, loucura e sanidade. Hoje, as práticas de desinstitucionalização atravessam os muros do hospital, invadem a cidade e passam a intervir nas redes sociais e na cultura, buscando desfazer 'manicômios mentais'. Um número cada vez maior de ações territoriais visa construir novas possibilidades no campo das trocas sociais e da produção de valor, buscando criar novas comunidades e outras sociabilidades. (Lima; Pelbart, 2007, p.729)

É nesse sentido que os objetivos do Caps se aproximam dos objetivos das ações educativas inclusivas, desenvolvidas pelo Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo (NAE). A ampliação do acesso físico, cognitivo e atitudinal ao espaço do museu e seu acervo, bem como o estímulo ao desenvolvimento da percepção estética do público, são alguns dos caminhos que o NAE estabelece para propiciar a ampliação de repertório cultural e da noção de pertencimento cultural dos mais diferentes públicos com os quais atua.

2. Aparceria entre o PEPE e o Caps Jaçanã-Tremembé

Desde sua criação, o Pepe desenvolve parcerias com diferentes instituições, que atuam com pessoas em tratamento de saúde mental, principalmente as que integram a Rede de Atenção Psicossocial (Raps), como os Centros de Convivência e Cooperativa (Cecco) e os Centros de Atenção Psicossocial (Caps). O estabelecimento de parcerias com a rede de atenção à saúde mental permite que os equipamentos culturais sejam percebidos como espaços de conhecimento, autorreconhecimento e interação socioeducativa para esses grupos, tornando o museu mais acessível à medida que criamos estratégias de aproximação com o patrimônio artístico e cultural da instituição. Essa aproximação acontece de forma gradativa, por meio de visitas educativas continuadas, que buscam respeitar as demandas e perfil de cada grupo.

O primeiro passo para estabelecer uma parceria consiste em uma reunião entre a equipe de educadores do Pepe e os profissionais responsáveis pelo grupo (equipe multiprofissional). Nesse primeiro contato, é decidido em conjunto a periodicidade das visitas e as temáticas que serão abordadas em cada encontro, respeitando as características do serviço de saúde. É importante ressaltar que as propostas vão se modificando de acordo com as necessidades do grupo, à medida que os participantes se sentem mais à vontade para atuar no processo de construção das visitas.

Em 2016, foi estabelecida uma parceria entre o Caps Jaçanã-Tremembé e o Pepe. O primeiro contato entre as duas instituições se deu quando a terapeuta ocupacional responsável pelo atendimento ao grupo de jovens do Caps procurou a Pinacoteca para uma ação que pudesse ampliar a autonomia e repertório dos usuários do serviço, por meio de atividades externas, visando a criação de novos canais de reinserção social desse grupo. A partir de então, foram agendadas visitas educativas ao museu com periodicidade mensal, entre março e outubro de 2016, num total de sete visitas.

5.

De acordo com o Ministério da Saúde em *Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial* (2004, P22), há diversas modalidades de Caps que variam de acordo com sua tipologia (tamanho do equipamento, estrutura física, profissionais e diversidade nas atividades terapêuticas) e com a especificidade da demanda ou perfil de usuários atendidos (crianças e jovens, adultos, usuários de álcool e outras drogas). Os Caps I e II fazem atendimento diário de adultos, em sua população de abrangência, com transtornos mentais severos e persistentes.

O projeto desenvolvido pela terapeuta ocupacional, que a princípio fora intitulado “Atividade Externa – Pinacoteca” apresentava em seus objetivos a possibilidade de promover saúde mental, “fora das paredes” do Caps II⁵ ampliar o repertório social e cultural dos usuários inseridos no grupo, além de estimular a autonomia do ir e vir e o treinamento de habilidades sociais, considerando que o trajeto entre o Caps Jaçanã-Tremembé e a Pinacoteca seria feito através de transporte público. O grupo de jovens a quem se dirigia o projeto fora composto, em sua maioria, por usuários com idades entre dezoito e trinta anos, já atendidos pela terapia ocupacional do serviço.

Maximino (2001) ao abordar os pressupostos da Terapia Ocupacional, indica que o fazer, a ação pode exercer um efeito terapêutico sobre seu agente, e que o “fazer junto” facilita a ação e/ou lhe dá outros sentidos. Com essa base teórica, a terapeuta ocupacional compartilhava da visita juntamente com outro membro da equipe multiprofissional do Caps e com os participantes do grupo de jovens. Nos primeiros encontros realizados na Pinacoteca era possível observar que os jovens apresentavam grandes limitações de locomoção. A condição de saúde pré-estabelecida e a exclusão social pela qual passam as pessoas em tratamento de saúde mental geram rupturas nos papéis ocupacionais desses jovens, que acabam deixando de ocupar espaços de cultura e convivência.

Com o decorrer dos encontros tornava-se perceptível a potência da atividade: aqueles jovens que na primeira visita passavam acudados pelos corredores da Estação da Luz para chegar à Pinacoteca, meses depois demonstravam ter mapeado em suas memórias algumas salas do museu que haviam visitado. Aos poucos esse novo espaço integrava-se ao repertório de vivências de cada indivíduo. Para as equipes envolvidas, passou a ser possível perceber que o projeto de parceria, inicialmente elaborado e intitulado com um nome julgado como simples, ganhava potência à medida em que os jovens ocupavam e se apropriavam desses novos espaços – as

salas expositivas da Pinacoteca, seus corredores e até mesmo o trajeto percorrido todos os meses entre o Caps e o museu.

Ao longo dos encontros, o grupo foi ressignificando o que entendia por ocupar espaços externos. O contato com a arte foi revelando a potência do repertório criativo a ser explorado por cada um. Nesse sentido, o vínculo estabelecido entre o grupo e a equipe do Pepe proporcionou aos jovens maior atenção às obras, e questionamentos trazidos pelo grupo e ligados às obras de arte começaram a surgir durante as visitas, como por exemplo, as diferentes técnicas e maneiras de se expressar dos artistas.

3. O desenvolvimento das visitas continuadas

Retomando o histórico da parceria, partindo do desejo da terapeuta ocupacional responsável pelo grupo de ampliar o repertório social e cultural dos jovens por meio da realização de atividades externas ao ambiente do Caps, foi agendada uma reunião de planejamento que aconteceu na Pinacoteca em fevereiro de 2016. Nessa primeira reunião a equipe do Pepe teve contato com o perfil do grupo atendido pela terapeuta ocupacional, e suas demandas iniciais ao idealizar o projeto de atividades externas. Ficou definido que as visitas ao museu teriam periodicidade mensal e que o grupo utilizaria transporte público – ônibus e metrô – para se deslocar entre serviço de saúde e a Pinacoteca. Ficou acordado também qual seria o percurso educativo da primeira visita. Para possibilitar um contato prévio do grupo com o tema a ser trabalhado na visita – a construção de uma identidade nacional –, a terapeuta ocupacional propôs uma roda de conversa no Caps a fim de instigar o grupo a continuar a discussão em um novo ambiente: a Pinacoteca.

Em março foi realizada a primeira visita do grupo de jovens à Pinacoteca, na qual foram apresentadas as maquetes do edifício da Pinacoteca e seu entorno, que engloba a Estação da Luz e o Parque da Luz. Depois de contextualizar a região em que está localizado o museu, o grupo visitou a sala O

Nacional na Arte, que integra a exposição *Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo*. Já tendo iniciado uma conversa a respeito da construção de uma identidade nacional ainda no Caps, os jovens demonstraram uma maior autonomia na participação e assumiram uma posição mais questionadora durante a visita ao museu. Ficou claro, tanto do ponto de vista da terapeuta ocupacional e da equipe multidisciplinar do Caps quanto da equipe do Pepe, que era possível potencializar os saberes e despertar anseios para a produção criativa se os temas das visitas fossem previamente acertados entre as duas equipes a cada mês. A partir de tal percepção as equipes passaram a ter contato frequente por e-mail e telefone, ocasiões em que eram trocadas ideias sobre propostas de atividades e sugestões de temas a serem trabalhados em cada visita educativa.

Figura 1
Grupo de jovens do Caps
Jaçanã-Tremembé em visita à
Pinacoteca em março de 2016.
Créditos Equipe NAE



Ao término dessa visita, algo chamou a atenção dos jovens: a montagem de uma instalação de arte contemporânea no Octógono – espaço central de circulação do edifício da Pinacoteca. Ficou combinado que esse espaço faria parte do percurso de visita do mês seguinte, para que o grupo pudesse conhecer a instalação do artista José Spaniol depois de

concluída sua montagem. Também foi acordado entre os jovens que eles fariam uma pesquisa sobre a história da Pinacoteca e de seu edifício, para que essas informações fossem compartilhadas entre eles.

A segunda visita do grupo aconteceu em abril e teve início com uma roda de conversa em que os participantes compartilharam as pesquisas que haviam feito sobre a Pinacoteca e seu edifício. A partir daí o grupo visitou a obra “TIAMM SCHUO0MM CASH!”, instalação inédita de José Spaniol que integrou o projeto *Octógono – Arte Contemporânea*. A obra era composta por dois grandes barcos de madeira elevados a 10 metros de altura e sustentados por longas escoras de bambu. No chão, abaixo dos barcos suspensos, era possível ler palavras que faziam referência à sonoridade do mar, as mesmas palavras eram reproduzidas por uma voz em caixas de som espalhadas no ambiente.

Figura 2
Grupo de jovens do Caps
Jaçanã-Tremembé em visita à
Pinacoteca em abril de 2016.
Créditos Equipe NAE.



Na sequência, o grupo visitou pinturas com cenas de paisagens marítimas da sala Ensino Acadêmico na exposição *Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo* onde foram utilizados recursos educativos multissensoriais como miniaturas de embarcações, instrumentos musicais e faixas de áudio que faziam referência ao som do mar. Estimulados pelas equipes do Pepe e Caps, os jovens foram capazes de perceber diferenças entre as técnicas e os materiais utilizados pelos pintores acadêmicos e por Spaniol e como a dimensão da instalação e a maneira como o visitante é convidado a adentrá-la permitiam sensações mais intensas do que as vivenciadas por meio da apreciação das pinturas a óleo. Nessas primeiras discussões, o grupo apresentou uma postura mais passiva, exigindo o auxílio e estímulo verbal e multissensorial das equipes para iniciar as reflexões acerca das obras observadas.



Figura 3
Grupo de jovens do Caps
Jaçanã-Tremembé em visita à
Pinacoteca em maio de 2016.
Créditos Equipe NAE

Em maio, o grupo realizou sua terceira visita ao museu. O percurso teve como base a exposição temporária *Paisagem nas Américas: pinturas da Terra do Fogo ao Ártico*, o que permitiu ao grupo retomar conceitos discutidos anteriormente a respeito da paisagem como um gênero de pintura. Foi proposto um jogo de exploração em duplas para estimular a participação dos jovens durante a visita. As duplas receberam cartas com desafios para encontrar nas pinturas cenas que remetessem a lugares e percepções subjetivas (por exemplo: “lembra um lugar que morei”, “gostaria de visitar”, “lembra o lugar em que nasci” etc.). O jogo permitiu que o grupo fosse explorando as pinturas por meio de conversas sobre paisagens que compõem suas memórias e sobre seus desejos de viajar e conhecer lugares novos.

A quarta visita do grupo aconteceu em junho, no Parque da Luz, vizinho ao prédio do museu. Antes de conhecer o espaço do parque, o grupo retomou contato com a maquete que reproduz os arredores do museu, onde foi possível estabelecer a rota que seria feita durante a visita e a área a ser explorada. O recorte feito pela educadora privilegiou esculturas produzidas por artistas contemporâneos que estão em exposição nos gramados do parque, fazendo um contraponto às esculturas que estão em exposição nos corredores e nas áreas internas do museu, que são de tradição acadêmica. Temas como a conservação das obras no espaço externo ao do museu, mais vulneráveis à ação do tempo e das condições climáticas, e os materiais utilizados na confecção das esculturas foram observados pelos jovens durante a visita.

Em julho, o grupo não realizou visita ao museu por conta da agenda e de demandas internas do Caps.

Em agosto, o tema das esculturas do Parque da Luz foi retomado com um roteiro voltado às esculturas que estão em exposição na área interna da Pinacoteca. Os jovens fizeram uma exploração do segundo andar do museu, onde está localizada grande parte das esculturas. Foi proposto pela educadora um jogo de caça-detalhes para que os jovens explorassem o espaço em duplas. Cada dupla recebeu uma

imagem contendo um pedaço – detalhes de pés ou mãos – de uma escultura do acervo, e a partir daí a dupla deveria explorar o espaço e encontrar a obra correspondente ao detalhe. Depois de encontradas todas as esculturas, o grupo discutiu como a cor do material utilizado pelo artista em sua escultura foi um facilitador durante a busca, já que a maioria das esculturas é em bronze (material de cor escura) ou mármore (material de cor clara). Assim, foi possível retomar a discussão acerca dos materiais utilizados nas esculturas, e o grupo pôde tocar amostras dos materiais utilizados nas esculturas do acervo, experimentando também pelo tato as diferentes texturas, temperaturas e pesos de cada material.



Figura 4
Grupo de jovens do Caps
Jaçanã-Tremembé em visita à
Pinacoteca em junho de 2016.
Créditos Equipe NAE.

Em setembro, o grupo visitou a exposição temporária *Fora da ordem – Obras da Coleção Helga de Alvear* que apresentava obras de uma importante coleção de arte contemporânea da Europa. A discussão sobre os diferentes materiais que encerrou a visita anterior foi retomada logo na entrada da exposição, em que quatro esculturas de grande formato do artista português José Pedro Croft compostas por estruturas de alumínio, vidro e espelhos chamou a

atenção do grupo. A instalação das obras criava um jogo de espelhos que multiplicava o espaço e o corpo dos visitantes que por ali passavam, confundindo a estrutura do prédio e os corpos dos visitantes com o que era reflexo dos espelhos. Os jovens de imediato reconheceram os materiais utilizados pelo artista como materiais presentes no cotidiano, mas que ali ganhavam um novo uso. O contato com as exposições temporárias despertou o interesse do grupo para linguagens e materiais diferentes dos utilizados na arte acadêmica, que não se limitam à pintura e escultura ou aos materiais tradicionais, e avançam para suportes mais próximos do cotidiano dos jovens, como a fotografia, o vídeo, a colagem e o *grafitti*.

Ainda nessa visita, um conjunto de fotografias de Helena Almeida chamou a atenção dos jovens que observaram como a técnica e o suporte utilizado pela artista eram familiares e que em casa eles guardavam fotografias que contavam um pouco de sua história. A partir daí ficou combinado que para a última visita do ano todos deveriam levar para o museu uma fotografia pessoal. Ao final desse encontro, a terapeuta ocupacional promoveu uma reflexão sobre a postura mais participativa e questionadora que os jovens vinham apresentando nas últimas visitas, e que a relação do grupo com a educadora e com o museu em si já acontecia sem a mediação da terapeuta ocupacional. Os jovens, de maneira autônoma, chamavam a atenção da educadora para as obras que achavam mais interessantes, observando os materiais utilizados e compartilhando com os demais participantes as relações entre o que era apresentado na exposição e suas memórias pessoais.

A visita de encerramento do ano de 2016 aconteceu no mês de outubro e foi iniciada com uma roda de conversa em que o grupo de jovens, a equipe do Caps e a equipe do Pepe puderam compartilhar memórias despertadas pelas fotografias escolhidas em seus arquivos pessoais. Para essa atividade, a equipe do Pepe preparou para cada participante um porta-retratos de papel, que trazia uma foto de algum momento marcante vivenciado pelo grupo no museu

com a inscrição “Pinacoteca de São Paulo e Caps Jaçanã-Tremembé – 2016”. O conjunto de porta-retratos ilustrava, em diferentes fotografias, a participação de cada jovem ou profissional das duas equipes durante o processo de construção das visitas continuadas, e passaria agora a integrar o conjunto de fotografias de seus arquivos pessoais. Ao término da atividade com as fotografias pessoais, o grupo visitou alguns retratos do acervo da Pinacoteca.

Figura 5
Grupo de jovens do Caps
Jaçanã-Tremembé em visita à
Pinacoteca em outubro de 2016.
Créditos Equipe NAE.



Ao final da visita de encerramento, um dos participantes iniciou uma fala com a ideia de convidar a equipe do Pepe para conhecer o espaço de produção do grupo de jovens, no caso o Caps: “Se elas abrem sua casa, podemos mostrar a nossa” (*sic*). Naquele momento ficou claro que as limitações causadas pela condição de saúde dos usuários não interferiam na relação construída ao longo dos meses, pautada em conversas sobre a arte e as vivências de cada um e do grupo como um todo. O vínculo construído se mostrava ali sincero e saudável.

Em novembro, as equipes do Caps e do Pepe se reuniram para uma reunião de avaliação da parceria estabelecida naquele ano. As equipes apontaram a importância da conversa prévia acerca do

tema a ser trabalhado em cada mês, pois a participação dos jovens nas visitas com temas previamente estabelecidos se mostrava muito mais efetiva. A equipe do Caps relatou o quanto a continuidade das visitas e o estabelecimento do vínculo permitiu que a Pinacoteca fosse inserida na rotina dos jovens, que ao longo do tempo foram apresentando menos dificuldades no deslocamento entre o Caps e a Pinacoteca, mostrando que o trajeto se tornara familiar ao grupo. Em contrapartida, a equipe do Pepe foi percebendo ao longo dos meses como alguns participantes do grupo desenvolveram habilidades sociais e se mostravam mais receptivos e comunicativos durante as visitas. Ambas as equipes avaliaram que a participação dos jovens podia oscilar de acordo com a condição de saúde enfrentada no dia e momento da visita, mas que mesmo em dias em que algum participante se mostrava mais fragilizado e distante, ao ser estimulado durante a atividade, notávamos uma resposta positiva, ficando claro que havia investimento e interesse em participar da atividade proposta.

Como conclusão do processo de construção do vínculo entre as duas instituições envolvidas no projeto, e principalmente do vínculo entre o grupo e esse novo espaço que é o museu, a equipe do Pepe visitou o Caps em dois momentos após o convite que partiu dos jovens: em um primeiro momento para conhecer a exposição realizada com trabalhos do grupo de expressões artísticas do serviço de saúde, e depois para acompanhar a primeira conversa sobre um novo projeto do Caps, que nasceu da necessidade de ampliar o espaço para a expressão do repertório criativo gerado a partir desse contato com a arte. Intitulado “Sentindo a arte em movimento – a linguagem urbana como suporte ao fortalecimento de relações e promoção da autonomia criativa”, o projeto visa a apresentar ao grupo de jovens a técnica e a história do *grafitti* por meio de textos, vídeos e conversas sobre o tema para que possam em um segundo momento se expressar por meio dessa linguagem para dar vazão a mensagens acerca de Arte e Saúde.

4. Considerações finais

O trabalho desenvolvido nessa parceria mostrou para as equipes de profissionais envolvidos que o interesse do grupo de jovens no museu não se esgotou nos sete encontros ocorridos durante o ano de 2016. Pelo contrário, a cada visita o interesse do grupo foi crescendo e novos temas foram sendo problematizados a partir do contato com as obras de arte que lhes eram apresentadas. Em reunião de avaliação no final de 2016, ambas equipes decidiram que seria interessante continuar a parceria no ano seguinte, estreitando ainda mais os laços entre os profissionais das duas instituições e ampliando os espaços de participação dos jovens nesse processo.

Apresentar o trabalho desenvolvido em conjunto entre essas duas instituições demonstra a possibilidade de se estimular o estreitamento de laços entre equipamentos de saúde e espaços culturais. A experiência desse grupo de jovens do Caps na Pinacoteca e a avaliação das equipes de profissionais envolvidas, exemplifica a potência das ações que tendem a surgir com a junção dos saberes específicos das duas instituições na promoção de saúde mental. Desse modo, o museu torna-se um espaço possível para falar de saúde, conectar-se a memórias, estabelecer vínculos afetivos, descobrir interesses e despertar processos criativos.

A parceria entre Caps Jaçanã-Tremembé e o Programa Educativos para Públicos Especiais da Pinacoteca de São Paulo está programada para continuar durante o ano de 2017 com onze visitas ao museu agendadas durante o ano, que acontecem em diálogo constante com o projeto “Sentindo a arte em movimento – a linguagem urbana como suporte ao fortalecimento de relações e promoção da autonomia criativa”, apresentado ao grupo em fevereiro deste mesmo ano.

Colaboradores

Todas as autoras contribuíram na concepção e desenho do estudo, análise de dados e redação final.

Referências Bibliográficas

- BENETTON, M.J. *Trilhas Associativas: ampliando subsídios metodológicos à Clínica da Terapia Ocupacional*. Campinas: Arte Brasil Editora/ Unisalesiano, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- DELGADO, P.G.G. Democracia e reforma psiquiátrica no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2011; 16(12):4701-6.
- LIMA, E.M.F.A.; PELBART, P.P. *Arte, clínica e loucura: um território de mutação*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, jul-set 2007; 14(3):709-35.
- MAXIMINO, V.S. *Grupo de Atividade com Pacientes Psicóticos*. São José dos Campos: Univap, 2001.
- TOJAL, A.P.F. *Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus*. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Data de recebimento: 06/03/2017

Data de aprovação: 09/11/2017